

## Os Santuários, Escolas de Oração

P. Carlos Cabecinhas

Os santuários definem-se, antes de mais, como espaços de celebração e oração. Os que aí ocorrem, fazem-no para participar numa celebração, seja litúrgica ou não, para rezar, comunitária ou individualmente. Porém, os santuários não são apenas “lugares de oração”, mas também “escolas de oração”.

Com data de 11 de fevereiro de 2017, o Papa Francisco publicou a Carta Apostólica em forma de *Motu Proprio* “*Sanctuarium in Ecclesia*”, pelo qual se se transferem as Competências sobre os Santuários da Congregação para o Clero para o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização<sup>1</sup>. Esta decisão de mudança de tutela é especialmente significativa, pois nos vem recordar a importância fundamental dos santuários para a Nova Evangelização. Para muitos dos nossos contemporâneos que se afastaram da vida de fé, a visita a santuários, em algumas ocasiões, é a única ligação efetiva à Igreja que permanece. Ora, como “escolas de oração”, os santuários podem dar um contributo decisivo para a nova evangelização.

Nesta exposição, pretende-se apresentar algumas clarificações terminológicas sobre oração, liturgia e exercícios de piedade e clarificações das relações que unem estas realidades diferentes.

### 1. Liturgia, piedade popular e oração pessoal

Os santuários cristãos, enquanto lugares em que o Espírito fala através da mensagem específica ligada a cada um deles e reconhecida pela Igreja, são também lugares em que as celebrações litúrgicas, os exercícios de piedade e a oração assumem uma particular importância.

Importa começar por esclarecer as relações entre liturgia, oração pessoal e exercícios de piedade.

O Concílio Vaticano II veio por em relevo que a celebração litúrgica é a ação sagrada por excelência da Igreja. Em virtude da presença de Cristo, a liturgia possui uma eficácia inigualável por nenhuma outra ação eclesial. A liturgia é, por isso, “cume e meta” da vida cristã (*Sacrosanctum Concilium* [SC], n. 10). Contudo, não só não esgota toda ação da Igreja (SC 9), como exige e pressupõe as restantes dimensões, como o anúncio, o testemunho e a caridade. A participação na liturgia não esgota sequer a vida espiritual do cristão, que é chamado à oração pessoal (SC 12) e a não deixar de parte os “exercícios piedosos” (SC 13).

Antes de mais, Liturgia e oração pessoal não se opõem. A Liturgia não substitui a oração pessoal: “A participação na sagrada Liturgia não esgota a vida espiritual. O cristão, chamado a rezar em comum, deve entrar também no seu quarto para rezar a sós ao Pai,

---

<sup>1</sup> [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/motu\\_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio\\_20170211\\_sanctuarium-in-ecclesia.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio_20170211_sanctuarium-in-ecclesia.html)

segundo ensina o Apóstolo, deve rezar sem cessar” (SC 12). A Liturgia, não só não substitui nem exclui a oração pessoal, como a supõe e exige. A oração pessoal é condição para a participação plena, ativa, consciente e piedosa na Liturgia.

Por outro lado, não se contrapondo, também não se identificam pura e simplesmente. A complementaridade só existe na diferença. Sem cair num “pan-liturgismo” sem sentido, impõe-se referir que é a oração litúrgica que se apresenta como paradigma da oração cristã e, por isso, “escola de oração”. Segundo o *Catecismo da Igreja Católica*, é na oração litúrgica que “toda a oração cristã encontra a sua fonte e o seu termo [meta]” (n. 1073). A oração litúrgica é normativa porque, como afirma a Constituição litúrgica SC, “qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra ação da Igreja” (SC 7).

A oração pessoal deve ser um estímulo constante na vida de todo o cristão que queira participar plena, ativa, consciente e piedosamente na Liturgia, bem como de todo o cristão que queira viver o serviço aos irmãos. A oração pessoal é uma importante forma de oração que encontrará continuidade e harmonia na oração comunitária e na oração litúrgica. Ao mesmo tempo, uma correta participação na Liturgia contribuirá para enriquecer a vida espiritual de todos os fiéis.

Também Liturgia e piedade popular não se opõem nem excluem mutuamente. Aqui, impõe-se alguma clarificação terminológica. “Exercícios de piedade”, “devoções”, “piedade popular” e “religiosidade popular” são termos e expressões usados muitas vezes como sinónimos. Nos próprios documentos magisteriais, a terminologia não é unívoca<sup>2</sup>. Clarifiquemos, pois. “Exercícios de piedade” e “devoções” são elementos integrantes da “piedade popular”, são práticas de piedade popular, são manifestações dela. A expressão “piedade popular” designa “as diversas manifestações culturais de carácter privado ou comunitário que, no âmbito da fé cristã, se exprimem predominantemente não com os módulos da sagrada Liturgia, mas através das formas peculiares derivadas do génio de um povo ou de uma etnia e da sua cultura” (*Directório*, n. 9). “Piedade popular” é, portanto, algo especificamente cristão. E nisso se distingue da “religiosidade popular”, que diz respeito à expressão da dimensão religiosa em geral (não necessariamente cristã).

Ora, dos 130 números da *Sacrosanctum Concilium*, apenas um se ocupa diretamente dos exercícios piedosos do povo cristão: o n.º 13, no final do primeiro capítulo, sobre a natureza da Liturgia e a sua importância na vida da Igreja: “Os atos de piedade do povo cristão... são muito recomendados... É necessário, porém, que esses mesmos atos de piedade, tendo em conta os tempos litúrgicos, estejam de acordo com a sagrada Liturgia, de certo modo dela derivem e para ela encaminhem o povo, visto que a Liturgia por sua natureza é muito superior a eles” (SC 13).

A *Sacrosanctum Concilium* sublinha onexo ou ligação existente entre exercícios piedosos e liturgia, mas sem confundir as duas realidades (“a liturgia por sua natureza é muito superior a eles”). Clarifica que se trata de atos de piedade “do povo cristão”, e não qualquer outra manifestação religiosa (religiosidade popular).

O sentido destas práticas de piedade está claramente determinado pela liturgia. Nesse sentido, a SC determina que tais práticas de piedade sejam reguladas, tendo como ponto de referência a liturgia. Os três verbos devem ser tomados conjuntamente: “os atos de piedade estejam de acordo com a sagrada Liturgia, de certo modo dela derivem e para ela encaminhem o povo”.

---

<sup>2</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia. Princípios e orientações*, Paulinas, Lisboa 2003, n. 6.

Ora, uma parte muito significativa das formas de oração, nos santuários, é constituída por exercícios de piedade.

## **2. A oração nos santuários, segundo os documentos do Magistério da Igreja**

Não se pretende fazer resenha de tudo o que, a este propósito, afirmam os documentos da Igreja, mas tão somente deixar algumas referências dos documentos mais recentes, destacando alguns desafios concretos para as propostas de oração nos nossos santuários.

**a)** O primeiro documento que importa referir é o *Catecismo da Igreja Católica*, publicado em 1992. O *Catecismo* dedica a quarta parte à Oração cristã. Aí se explicita a referência aos Santuários como “lugares favoráveis à oração”. Porque “a escolha dum lugar favorável não é indiferente para a verdade da oração”, o *Catecismo* diz: “Os santuários são, para os peregrinos à procura das suas fontes vivas, lugares excepcionais para viver ‘em Igreja’ as formas da oração cristã” (n. 2691). Antes, faz referência às peregrinações: “as peregrinações... são tradicionalmente tempos fortes de uma oração renovada” (n. 2691).

Não se diz muito, mas o reconhecimento dos santuários como lugares excepcionais para a oração, neste contexto, é significativo. E importa sublinhar algo que os mestres de espiritualidade, ao longo dos séculos, têm referido e repetido: podemos rezar em toda a parte e em qualquer lugar; porém, é importante cuidar do lugar para a oração, se a quisermos realmente valorizar. Se os santuários são já “lugares excepcionais” para a oração, se quisermos que sejam “escolas de oração” têm também de adequar os seus espaços à oração, quer comunitária, quer pessoal. Acontece, por vezes, termos de rezar “contra o espaço”, e facilmente compreendemos o quanto dificulta a expressão orante e a concentração. Cuidar dos espaços, para que sejam aptos e adequados à oração – comunitária ou individual, litúrgica ou não – é fundamental nos nossos santuários. E não pensemos apenas em obras de monta: preparar o espaço para a oração tem que ver com a limpeza, a ornamentação, o ambiente...

Além dos espaços físicos, há um outro elemento determinante: o silêncio. Vivemos num mundo acelerado e ruidoso. Vivemos tão envolvidos em ruídos, que quase já nem sabermos viver sem alguém a dizer não importa o quê, sem um rádio a tocar, ou sem uma televisão ligada. A visita aos santuários deveria ser um convite ao silêncio, porque não há oração onde não há silêncio. E aqui reside uma das nossas maiores dificuldades, hoje. Tem-se vindo a perder a capacidade de fazer silêncio e já se perdeu a perceção dos espaços sagrados e das atitudes a assumir em tais lugares. Hoje é frequente, em qualquer igreja, ouvir falar em voz alta, como se nos encontrássemos na rua, no meio de uma praça. Conseguirmos preservar o ambiente de oração nos santuários é um enorme desafio! Mas é condição para a oração.

**b)** Alguns anos depois, o Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, na preparação do Grande Jubileu do Ano 2000, publicou dois documentos que nos interessam, neste contexto: um sobre a peregrinação e outro sobre os santuários<sup>3</sup>. Sobre o tema que nos ocupa, vejamos o que dizem.

---

<sup>3</sup> CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *A Peregrinação, no Jubileu do Ano 2000. O Santuário: memória, presença e profecia do Deus Vivo*, Paulinas, Lisboa 1999.

O documento sobre “*A Peregrinação no Grande Jubileu do ano 2000*”<sup>4</sup>, publicado em 1998, fala expressamente da oração no capítulo dedicado à “Peregrinação do cristão, hoje” (VI). Ao referir os santuários como meta da peregrinação, apresenta-os como “tenda do encontro”: “tenda do encontro com Deus” através da oração (n. 33); “tenda do encontro pessoal com Deus e consigo mesmo” (n. 40). “Disperso na multiplicidade das preocupações e da realidade quotidiana, o homem tem necessidade de se redescobrir a si mesmo através da reflexão, da meditação, da oração, do exame de consciência, do silêncio... O peregrino percorrerá, então, o itinerário acompanhando-o com a oração litúrgica da Igreja e com os exercícios de devoção mais simples, com a oração pessoal e com os momentos de silêncio, com a contemplação que brota do coração dos mais pobres” (n. 40).

A peregrinação é descrita como itinerário de oração, que tem o santuário, “tenda do encontro com Deus”, como meta. Sublinha-se a profunda e íntima ligação entre a oração e a Palavra de Deus, algo que será retomado pelos documentos posteriores. De facto, a oração cristã é, necessariamente, uma oração nutrida da Palavra de Deus, iluminada e conduzida por ela.

Por sua vez, o documento sobre “*O Santuário, memória, presença e profecia do Deus vivo*”<sup>5</sup>, publicado no ano seguinte (1999), retoma a caracterização dos santuários, enquanto meta de peregrinação, como “tenda do encontro” com Deus, mas vai mais além. O documento apresenta os santuários a partir de três coordenadas teológicas fundamentais: memória, presença e profecia. Na parte consagrada à memória dos atos salvíficos de Deus em nosso favor, memória que os santuários mantêm viva, refere-se a importância da admiração e adoração, expressas na oração, bem como a atitude de ação de graças: “O Santuário recorda a iniciativa de Deus e faz-nos compreender que essa iniciativa, fruto de puro dom, deve ser acolhida em espírito de ação de graças. Entramos no santuário, antes de tudo, para agradecer... Os santuários constituem nesse sentido uma excepcional escola de oração, onde especialmente a atitude perseverante e confiante dos humildes testemunha a fé na promessa de Jesus: ‘Pedi e dar-se-vos-á’ (Mt 7, 7)” (n. 7).

Aqui, assume-se explicitamente que os santuários são ou devem ser “escolas de oração”: lugares por excelência onde se aprende a rezar.

c) Em 2001, foi publicado o mais significativo documento magisterial para os Santuários: o *Directório sobre a piedade popular e a liturgia*<sup>6</sup>. Este *Directório* pretende explicitar o que afirma a Constituição *Sacrosanctum Concilium* n. 13 sobre liturgia e piedade popular. O primeiro princípio basilar que orienta o *Directório* é que “a Liturgia é o centro da vida da Igreja e nenhuma outra expressão religiosa pode substituí-la ou ser considerada ao mesmo nível”<sup>7</sup>.

O documento reconhece expressamente que os santuários são os lugares “em que as relações entre a Liturgia e a piedade popular são mais frequentes e evidentes” (n.º 261), e dedica-lhes um capítulo: o Capítulo VIII.

Em relação à peregrinação, o *Directório* põe em destaque a lugar fundamental da oração. Por exemplo, quanto ao momento da partida, propõe: “A peregrinação é uma

---

<sup>4</sup>[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/migrants/documents/rc\\_pc\\_migrants\\_doc\\_19980425\\_pi\\_lgrimage\\_po.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_19980425_pi_lgrimage_po.htm)

<sup>5</sup>[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/migrants/documents/rc\\_pc\\_migrants\\_doc\\_19990525\\_sh\\_rine\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/documents/rc_pc_migrants_doc_19990525_sh_rine_po.html)

<sup>6</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia. Princípios e orientações*, Paulinas, Lisboa 2003.

<sup>7</sup> JOÃO PAULO II, «Mensagem à Assembleia Plenária da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos» (21 de Setembro de 2001), in CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia*, p. 9 [n.º 5].

caminhada de oração. Em cada uma das suas etapas, a oração deverá animar a peregrinação e a Palavra de Deus será sua luz e guia, alimento e apoio. (...) A partida da peregrinação será oportunamente caracterizada por um momento de oração, na igreja paroquial ou noutra mais apropriada...” (n. 287). Quanto à permanência no santuário, meta da peregrinação, diz o documento: “A permanência no santuário deverá, obviamente, constituir o momento mais intenso da peregrinação e caracterizar-se-á pelo empenhamento de conversão, oportunamente ratificado pelo sacramento da reconciliação; por expressões especiais de oração, como a acção de graças, a súplica ou o pedido de intercessão, em relação às características do santuário e aos objectivos da peregrinação; pela celebração da Eucaristia, cume da própria peregrinação” (n. 287).

Obviamente, este documento trata abundantemente da oração que se exprime nas muitas formas de piedade popular do povo cristão. Deste documento, gostaria de destacar a veemência com que se afirma a necessidade de que a oração nas suas diversas formas e expressões, nomeadamente da piedade popular cristã, estejam em harmonia com a liturgia da Igreja. Claro que se sublinha o quanto a oração pessoal e as manifestações de piedade popular devem nutrir-se da Palavra de Deus, mas a grande acentuação é o primado da Liturgia, que deve inspirar as restantes expressões de oração. Por isso, se postula que “se dê a proeminência à oração litúrgica e ao ano litúrgico sobre qualquer outra prática de devoção”, sem que tal proeminência possa “ser compreendida em termos de exclusão, de contraposição e de marginalização” (n. 11).

O documento acena ainda a uma outra questão, que retomarei adiante, ao referir o quanto as características do santuário influem na oração e nas suas variadas expressões.

**d)** Por fim, em 2011, o Prefeito da Congregação do Clero, que tinha então a tutela dos santuários, Card. Mauro Piacenza enviou uma **Carta aos Reitores dos Santuários** (Prot. N. 2011 0546, com data de 15-08-2011)<sup>8</sup>, na qual se propunha apresentar “algumas considerações destinadas a dar um impulso mais renovado e eficaz às atividades ordinárias da pastoral” dos santuários. A Carta dá especial destaque às celebrações litúrgicas nos Santuários, mas não só. Depois da introdução, o primeiro número da Carta ocupa-se do “anúncio da Palavra de Deus, oração e piedade popular”. Afirma-se que a oração é “a resposta humana a um fecundo anúncio da Palavra de Deus” e apresentam-se os santuários como “lugares excepcionais para ‘viver em Igreja’ as formas de oração”, citando o número do *Catecismo*, já referido atrás.

O documento passa depois a dedicar atenção à piedade popular: “A vida de oração desenvolve-se de diversos modos, entre os quais encontramos várias formas de piedade popular”, recordando o quanto as expressões de piedade popular devem inspirar-se e nutrir-se da Palavra de Deus.

A acentuação principal é esta da importância da Palavra de Deus, que deve inspirar e nutrir as várias formas de oração nos santuários.

Este breve périplo pelo que estes documentos dizem explicitamente sobre os santuários como lugares de oração permite deixar claro o quanto a Igreja vê os santuários não apenas como lugares excepcionais para a oração, mas também como verdadeira escola de oração para o povo cristão.

Porém, para que os santuários sejam escolas de oração, há condições fundamentais, indispensáveis que se podem, em jeito de síntese, assinalar:

---

<sup>8</sup>[http://www.clerus.org/pls/clerus/cn\\_clerus.h\\_centro?dicastero=2&tema=2&argomento=8&sottoargomento=5&lingua=4&Classe=1&operazione=ges\\_doc&vers=3&rif=68&rif1=68sabato](http://www.clerus.org/pls/clerus/cn_clerus.h_centro?dicastero=2&tema=2&argomento=8&sottoargomento=5&lingua=4&Classe=1&operazione=ges_doc&vers=3&rif=68&rif1=68sabato)

1. As propostas de oração, nos santuários, devem ter inspiração bíblica e conteúdos bíblicos; as formas de oração devem ser nutridas da Palavra de Deus.
2. As propostas de oração, nos santuários, devem harmonizar-se com a liturgia, acompanhando o ritmo do ano litúrgico da Igreja.
3. As propostas de oração, nos santuários, devem partir da realidade do próprio santuário, da sua mensagem, da sua especificidade

Esta terceira condição é aquela que foi menos referida, embora aparecesse sugerida pelo *Directório* (n. 287). Os documentos que nos serviram de base para a reflexão não aplicam este princípio especificamente à oração, mas referem-no a propósito de toda a pastoral dos santuários. A mensagem própria de um santuário e a sua especificidade condicionam necessariamente toda a pastoral desenvolvida pelo santuário, também a nível da oração e da celebração. Não pode ser indiferente ou neutra a celebração da fé ou a oração que se faz no santuário, como se tivesse lugar em qualquer outro lugar. Há uma riqueza própria do lugar, um “carisma” de cada santuário, que tem que ver com a mensagem, com o acontecimento que lhe está na origem, com a invocação a que está consagrado... E isto tem que necessariamente marcar e enriquecer toda a ação que nele se desenvolve.

### **3. Exemplos de propostas de oração de acordo com a especificidade dos santuários**

#### **3.1. Santuário de Fátima**

Tendo em conta esta terceira condição elencada, nesta parte final da minha intervenção, quero deixar o testemunho das propostas de oração, no Santuário de Fátima. Não se trata de querer apresentar este Santuário como modelo, mas tão só levar a sério a condição agora referida.

Uma das marcas mais características de Fátima é o **silêncio**. O silêncio no dia a dia, mas também o silêncio da multidão em alguns momentos das grandes peregrinações. O silêncio da multidão nos dias 12, na procissão de regresso à Capelinha, depois da celebração da missa; mas também o silêncio que convida à oração nos dias em que não há multidões. Para muitos peregrinos, é este silêncio que faz do Santuário de Fátima um lugar especial.

Lugar de silêncio, Fátima é também lugar de **oração**, de forte experiência de Deus. Nas aparições do Anjo aos Pastorinhos, em 1916, o mensageiro celeste ensinou-lhes algumas orações e exortou-os a rezar: “Orai! Orai muito!”. No ano seguinte, este apelo à oração foi repetido insistentemente pela Virgem Maria. Logo na primeira aparição, Nossa Senhora pede aos Pastorinhos a oração diária do terço, do rosário.

Mas não se trata apenas do Rosário, embora seja a forma mais característica de oração em Fátima. A oração faz parte do âmago da mensagem de Fátima, como convite a uma forte experiência de Deus. O que encontramos no testemunho dos videntes de Fátima é precisamente esta forte experiência de encontro com Deus, capaz de transformar a vida. É isso que continua a acontecer em Fátima e por intermédio da sua mensagem. É isso que muitos peregrinos experimentam no Santuário: a oportunidade e o desafio à oração como encontro e diálogo com Deus.

O Santuário de Fátima, como todos os santuários cristãos, é lugar por excelência de manifestações de  **piedade popular**. Neste sentido, encontram-se em Fátima algumas das mais típicas e universais manifestações da piedade popular: a peregrinação; as procissões com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, de velas, ou eucarísticas; o rosário, já referido; a Via Sacra; a oferta de velas; a veneração da imagem de Nossa Senhora de Fátima... Nestas diversas manifestações devocionais exprime-se quer a sensibilidade do povo cristão, na sua relação com Deus, quer algumas das dimensões da própria mensagem de Fátima.

Estas práticas têm um carácter universal, entre o povo cristão. Contudo, algumas delas tornaram-se características do Santuário de Fátima.

Uma especial referência merece a devoção dos cinco primeiros sábados. Esta devoção é especificamente fatimita<sup>9</sup>. Na aparição de julho, no contexto das afirmações sobre o Imaculado Coração de Maria, aparece o pedido expresso desta devoção, pedido que depois se concretizará na aparição de Nossa Senhora à Vidente Lúcia, em Pontevedra (Espanha), em 1925. Conta a Ir. Lúcia: “Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam, com blasfémias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de Me consolar e diz que todos aqueles que durante 5 meses, ao 1.º sábado, se confessarem, recebendo a Sagrada Comunhão, rezarem um Terço e Me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 mistérios do Rosário, com o fim de Me desagrar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas”<sup>10</sup>.

Os elementos que constituem esta devoção são: a confissão, com sentido reparador que, não sendo possível fazer-se no próprio dia, pode fazer-se antes ou depois; a comunhão no primeiro sábado; a oração do terço; e quinze minutos de companhia a Nossa Senhora, meditando os mistérios do Rosário. Como se vê, esta devoção conjuga a dimensão sacramental das práticas litúrgicas com os exercícios de piedade. Sobre a comunhão sacramental neste contexto, diz o *Directório sobre a Piedade Popular e a Liturgia*: “eliminada qualquer valorização exagerada do sinal temporal e colocada corretamente a comunhão no contexto celebrativo da Eucaristia, a prática piedosa deve ser realizada como ocasião propícia para viver intensamente, com atitude inspirada na Virgem, o Mistério pascal que se celebra na Eucaristia”<sup>11</sup>.

Estas 4 práticas, a realizar no primeiro sábado do mês, têm como intenção reparar os pecados cometidos contra o coração Imaculado de Maria. O sentido é expressamente reparador. A promessa não é substancialmente diferente da devoção das primeiras sextas-feiras, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Esta devoção foi oficialmente autorizada e anunciada em Fátima no dia 13 de Setembro de 1939.

A devoção dos cinco primeiros sábados “pode considerar-se um compêndio de toda a mensagem”<sup>12</sup> de Fátima. Hoje, vai-se estendendo um pouco por todo o mundo e são muitas paróquias têm já esta prática instituída.

O esforço do Santuário tem sido o de ajudar os peregrinos a harmonizar estas práticas de piedade popular com a liturgia, o de corrigir os excessos e o de permear as práticas de piedade popular da Palavra de Deus.

---

<sup>9</sup> Cf. A.M. MARTINS, “A devoção reparadora dos primeiros sábados”, in *Apelo e Resposta. Semana de Estudos sobre a Mensagem de Fátima*, Fátima 1983, p. 273-300; A.A. PASCOAL, “Sábados, devoção dos primeiros”, in *Enciclopédia de Fátima*, coord. C.M. Azevedo – L. Cristino, Cascais 2007, p. 504-505.

<sup>10</sup> *Memórias da Irmã Lúcia I*, Fátima 2007<sup>13</sup>, p. 192.

<sup>11</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia*, n. 174.

<sup>12</sup> PASCOAL, “Sábados, devoção dos primeiros”, p. 504.

O Santuário tem também a preocupação de preparar alguns materiais de apoio, quer para peregrinos, quer para organizadores de peregrinações. Materiais que põem na oração o seu principal foco de atenção.

### 3.2. Santuário do Senhor Santo Cristo

Quando falamos de Fátima, temos uma mensagem específica e exortações e indicações de oração explícitas. Trata-se da tal especificidade, que marca a vida de oração do santuário e a espiritualidade daqueles que se deixam guiar pela mensagem. Haverá uma mensagem específica do Senhor Santo Cristo dos Milagres? Não se pretende aqui responder à questão, mas apenas deixar um aceno a alguns aspetos que marcam a especificidade deste santuário: a veneração da imagem do Senhor Santo Cristo e a grande procissão anual.

O específico da oração neste santuário está ligado à **veneração da imagem**. As imagens, no contexto celebrativo e devocional cristão, não são um elemento decorativo, não se reduzem à dimensão estética, nem esgotam a sua finalidade numa função meramente didática, catequética. É enquanto objeto de veneração que a imagem, em contexto cristão, atinge maior importância<sup>13</sup>.

A veneração de imagens de Jesus Cristo, de Nossa Senhora e dos santos faz parte da tradição da Igreja, reafirmada nos documentos do Magistério eclesial recente. A *Instrução Geral do Missal Romano* (n. 318) afirma: “De acordo com a antiquíssima tradição da Igreja, expõem-se à veneração dos fiéis, nos edifícios sagrados, imagens do Senhor, da bem-aventurada Virgem Maria e dos Santos, as quais devem estar dispostas de tal modo no lugar sagrado, que os fiéis sejam levados aos mistérios da fé que aí se celebram”<sup>14</sup>. As imagens – pinturas, esculturas, relevos... – fazem parte do espaço celebrativo cristão como objeto de veneração.

A justificação teológica clássica da veneração de imagens surge formulada na obra do grande Padre da Igreja Basílio de Cesareia, que afirma que a veneração prestada a uma imagem dirige-se àquele que ela representa<sup>15</sup>. Assim, quem venera uma imagem, não venera a materialidade da imagem: venera a pessoa que nela está representada. Por outro lado, não se trata de adoração, devida somente a Deus, mas de veneração. Será, contudo, o II Concílio de Niceia, o VII ecuménico, no ano 787, a formular de modo articulado a doutrina eclesial sobre a veneração das imagens<sup>16</sup>.

O *Ritual das Bênçãos*, reformado por decisão do Concílio Vaticano II, ao propor um rito de “Bênção das imagens que se expõem à veneração pública dos fiéis”, citando o II Concílio de Niceia e o Concílio de Trento, afirma:

“As imagens não são apenas para os fiéis um meio de evocar a memória de Jesus Cristo e dos Santos que representam, mas levam-nos de certo modo à sua presença: quanto mais frequentemente se olha para as imagens, tanto mais facilmente os que as contemplam se sentem elevados à memória e aspiração dos

---

<sup>13</sup> Para a apresentação da posição doutrinal da Igreja, cf. *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 2000, n. 1159-1162; CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia. Princípios e orientações*, n. 238-244.

<sup>14</sup> In *Enquirídio dos Documentos da Reforma Litúrgica*. 2ª edição revista e aumentada, SNL, Fátima 2014<sup>2</sup>, n.1228; cf. SC 125.

<sup>15</sup> BASILIO DI CESAREA, *Lo Spirito Santo*, (Testi Patristici 106) Città Nuova, Roma 1998<sup>2</sup>, p. 151-152 (c.XVIII, n. 45).

<sup>16</sup> In *Antologia Litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*, org. J. L. Cordeiro, SNL, Fátima s.d., n. 6476; cf. H. DENZINGER – P. HÜNERMANN, *El Magisterio de la Iglesia. Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*, Herder, Barcelona 2000<sup>2</sup>, n. 600.

seus originais. Por isso, a veneração das sagradas imagens figura entre as principais e mais insignes formas de culto devido a Nosso Senhor Jesus Cristo e, embora de modo diverso, aos Santos, não porque se creia que há nelas alguma divindade ou poder que seja motivo do culto que se lhes dá, mas porque a honra que se lhes presta se refere aos protótipos que representam.”<sup>17</sup>

A esta luz, a veneração da imagem do Santo Cristo entende-se como forma de presença do Senhor. Se o sentido da veneração das imagens se encontra na sua função de mediação, na sua capacidade de nos remeter para aqueles que nelas são representadas, só se a imagem deixasse de ser mediação, se o movimento se detivesse nela, é que a imagem se tornaria problemática em termos cultuais, porque se transformaria em ídolo<sup>18</sup>. A escultura do Senhor Santo Cristo, venerada neste Santuário, não é um fim em si mesma, mas uma mediação.

As formas de exprimir a veneração das imagens são muitas variadas: “os fiéis oram diante delas, tanto nas igrejas como nas suas próprias casas; ornamentam-nas com flores, luzes e pedras preciosas; saúdam-nas com várias formas de homenagem religiosa, levam-nas em procissão, penduram junto delas ex-votos em sinal de agradecimento; colocam-nas em nichos ou edículas construídos nos campos ou ao longo das estradas”<sup>19</sup>.

A veneração de imagens não se reduz ao âmbito da piedade popular, nem as expressões de veneração se esgotam naquelas que foram elencadas. A veneração de imagens faz parte da ação litúrgica cristã, da celebração comunitária da fé; é parte integrante da *performance* ritual e da sua eficácia sacramental, pelo que as imagens em geral e concretamente as esculturas incrementam o valor performativo da ação litúrgica, não podendo ser consideradas elementos secundários<sup>20</sup>.

A nível celebrativo comunitário, as duas formas por excelência de veneração da escultura são a oração – individual ou comunitária – diante dela e as procissões.

A **procissão**, em contexto cristão, é uma caminhada realizada em comum, sinal da condição peregrina da Igreja, povo de Deus a caminho<sup>21</sup>. Na Bíblia, encontramos três categorias que podemos considerar interligadas de forma concêntrica<sup>22</sup>: temos antes de mais, no círculo exterior, mais vasto, a condição itinerante/peregrinante do povo de Deus; no círculo intermédio temos a peregrinação, como símbolo dessa condição peregrinante; num terceiro círculo, central, temos a procissão, expressão ritual dessa realidade. Quer nos textos bíblicos, quer na tradição espiritual da Igreja, estes círculos concêntricos – a condição itinerante do povo de Deus e a sua expressão na peregrinação e nas procissões – estão de tal modo interligados, que aquilo que se afirma da peregrinação, aplica-se também às procissões e vice-versa, e ambos remetem para a nossa condição de peregrinos. Quase de forma inconsciente, recorreremos à metáfora do movimento e da

---

<sup>17</sup> *Ritual Romano – Celebração das Bênçãos*, CEP, Coimbra 1991, p. 375-376 (n. 985).

<sup>18</sup> R. GUARDINI, “La imagen religiosa y el Dios invisible”, in IDEM, *El talante simbólico de la liturgia*, (Cuadernos Phase 113) CPL, Barcelona 2001, p. 48-62 (aqui, p. 61). Sobre o modo de entender a “proibição bíblica” do recurso a imagens, cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2129-2132.

<sup>19</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia*, n. 239.

<sup>20</sup> Cf. R. TAGLIAFERRI, “Dall’icona alla statuaría. La trascendenza e la verità dell’ídolo”, *Rivista Liturgica*, 101 (2014) p. 131-142 (aqui, p. 133).

<sup>21</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia*, n. 247.

<sup>22</sup> Cf. S. ROSSO, «Peregrinações», in S. DE FIORES – S. MEO (Dir.), *Dicionário de Mariologia*, São Paulo 1995, p. 1033-1034; S. ROSSO, «Procissão», in D. SARTORE – A. M. TRIACCA (Dir.), *Dicionário de Liturgia*, São Paulo 1992, p. 947-953.

progressão espacial, que caracterizam quer a peregrinação quer a procissão, para exprimir o dinamismo da experiência da fé.

Neste Santuário, a grande procissão anual é uma solene forma de oração comunitária, uma forma de veneração da imagem do Senhor Santo Cristo.

Por um lado, a procissão permite uma maior proximidade dos peregrinos em relação à imagem venerada; por outro lado, é “celebração”, ação comunitária com uma linguagem ritual capaz de envolver os participantes física e espiritualmente. É uma forma comunitária de oração em movimento. A procissão manifesta de forma excelente o quanto a celebração envolve a totalidade do nosso ser. O louvor e a súplica, expressos através do canto e da oração, são reforçados pelo movimento corporal, pela deslocação espacial.

Estes são apenas dois elementos que marcam a especificidade da oração neste santuário. Mas há outros, de especial importância.

A imagem do Senhor Santo Cristo representa o “Ecce Homo”, Cristo na sua paixão, com toda a importância desse facto para a oração daqueles que aqui veem rezar e que, contemplando o sofrimento de Cristo, pedem confiantes ajuda para os próprios sofrimentos. Mas a grande celebração no decurso do tempo pascal sublinha a dimensão da ressurreição, da passagem da morte à vida.

Estes são apenas tópicos de reflexão sobre a oração no santuário do Senhor Santo Cristo.